



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
RIO GRANDE DO NORTE
Campus Canguaretama**

**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO
DA DIVERSIDADE.**

BRUNO AUGUSTO FONSECA DE ALBUQUERQUE

**ENTRE A ESCOLA E O ARCO-ÍRIS - HISTÓRIAS DE VIDA, ESTIGMAS E
GÊNEROS DISSIDENTES ENTRE DOCENTES DA EJA**

CANGUARETAMA/RN

2021

BRUNO AUGUSTO FONSECA DE ALBUQUERQUE

**ENTRE A ESCOLA E O ARCO-ÍRIS - HISTÓRIAS DE VIDA, ESTIGMAS E
GÊNEROS DISSIDENTES ENTRE DOCENTES DA EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização Educação de Jovens e Adultos no Contexto da Diversidade, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte- IFRN, como requisito para obtenção do título de Especialista.

ORIENTADOR: Prof. Me. Raphael de Souza Cruz

Canguaretama-RN

2021

BRUNO AUGUSTO FONSECA DE ALBUQUERQUE

**ENTRE A ESCOLA E O ARCO-ÍRIS - HISTÓRIAS DE VIDA, ESTIGMAS E
GÊNEROS DISSIDENTES ENTRE DOCENTES DA EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização Educação de Jovens e Adultos no Contexto da Diversidade, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, como requisito para obtenção do título de Especialista.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Me. Raphael de Souza Cruz – IFRN - Mat. 2165090

Profa. Ma. Clarissa Souza de Andrade Honda – IFRN – Mat. 1717926

Prof. Dra. Ana Cristina – IFRN – Mat. 1936488

RESUMO

O presente artigo traz como tema a trajetória de vida de professores da Educação de Jovens e Adultos que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, abrangendo suas vivências, experiências e conflitos, problematizando acerca de como as suas identidades de gênero impactaram suas vidas nos mais diversos âmbitos sociais. Para que isso fosse possível, foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturadas de natureza qualitativa, com uma professora transexual e um professor drag queen, atuantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte, utilizando-se da metodologia de narrativas autobiográficas ou histórias de vida. Os resultados deixam evidente o padrão que atravessou a vida das entrevistadas, apontando que professores LGBTQIA+ são constantemente alvos de preconceito, principalmente dentro da instituição escolar, deixando evidente que a mesma, além de não estar preparada para abraçar a diversidade em seu âmbito, não tem preparado a comunidade na qual está inserida para assim o fazer.

PALAVRAS-CHAVE: LGBTQIA+; EJA; Diversidade; Estigma.

ABSTRACT

This article brings as its theme the life trajectory of Youth and Adult Education teachers who are part of the LGBTQIA+ community, covering their experiences and conflicts, discussing how their gender identities impacted their lives in the most diverse social spheres. To make this possible, semi-structured interviews of a qualitative nature were carried out, with a transsexual teacher and a drag queen teacher, active in Youth and Adult Education (EJA) of the State Education Network of Rio Grande do Norte – Brazil, using the methodology of autobiographical narratives or life stories. The results show the pattern that crossed the lives of the interviewees, pointing out that LGBTQIA+ teachers are constantly targets of prejudice, especially within the school institution, making it clear that, in addition to not being prepared to embrace diversity in its scope, the schools has not prepared the community in which it is inserted to do so.

KEYWORDS: LGBTQIA+; EJA; Diversity; Stigma.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. METODOLOGIA.....	11
3. PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA.....	13
4. RESULTADOS DA PESQUISA	20
4.1 WANDA – “ <i>O que você quer? Olhe a forma que você se comporta, não poderia ser diferente</i> ”.....	20
4.2 CLARK - O confronto de ser e não poder ser	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a luta pelo direito à educação está relacionada à institucionalização da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na busca de uma modalidade que pudesse atender sujeitos que foram alvos de exclusão, marcados pela desigualdade social. São negros, pobres, mulheres, idosos, trabalhadores rurais. Dentre as tensões apresentadas na EJA, destaca-se a comunidade LGBTQIA+¹, que sofre com ataques de homofobia e preconceito na atuação docente e no processo de escolarização, muitas vezes sendo forçados a desistir de suas atividades acadêmicas e/ou profissionais.

Pesquisas como, por exemplo, “Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar” (BRASIL, 2009), feita pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, mostraram o quão prejudicial para o desenvolvimento dos alunos e dos professores, especialmente para estudantes LGBTQIA+, seguidos por negros e pobres, é a existência do preconceito no meio escolar. A pesquisa deixou evidente que, em determinadas escolas, quanto maior o índice de preconceito, menor era o desempenho dos professores e, conseqüentemente, dos alunos.

No campo da docência, pesquisa realizada pela *Teacher Support Network*, em 2006, constatou que dois terços dos professores homossexuais haviam passado por discriminação ou assédio moral no trabalho devido à sua orientação sexual. Para 81% daqueles que sofreram discriminação de qualquer espécie, esta veio dos alunos, mas, 46% dizem ter sido discriminados por colegas e 33% por dirigentes (WILLIAMS, 2012). O medo de que professores assumidos supostamente influenciaria na orientação sexual de seus alunos e na construção de suas respectivas identidades, em uma leitura estritamente preconceituosa, traduziu-se num complexo obstáculo na vida profissional desses professores.

Desse modo, há um contexto no qual os docentes são levados a ocultar seus desejos, seus sentimentos, suas realidades; encobrir sua identidade com receio da reação dos seus colegas de trabalho, dos seus alunos e dos pais de seus alunos; ou seja, de todos que estão

¹ Sigla que designa orientações sexuais e gêneros de sujeitos que não se enquadram nos padrões socialmente hegemônicos, seja no que diz respeito à heteronormatividade (regulação e proibição de comportamentos que fogem do binarismo homem-mulher como parceiros afetivos), como também nas concepções tradicionais de diversidade de gênero (homo-heterossexual, assim por diante). A nomenclatura constantemente se expande para levar em consideração, por exemplo, transexuais e mesmo pansexuais. Atualmente a sigla contempla **Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer** (indivíduos que escapam dos padrões heteronormativos e que, portanto, transitam performaticamente entre os sexos, sem se limitarem a nenhum rótulo específico), **Intersexuais** (indivíduos que biologicamente comportam características fisiológicas de ambos os sexos, a exemplo dos hermafroditas) e **Assexuais** (sujeitos não inscritos na atração sexual de qualquer espectro). O + ao final da sigla indica outras variações do tema do gênero e da sexualidade, a exemplo de sujeitos pansexuais.

ligados diretamente ou indiretamente a seu local de trabalho. A esse respeito, Costa afirma, (1989) sobre o conceito de *identidade*:

Em termos puramente descritivos, identidade é tudo aquilo que se vivencia (sente, enuncia) como sendo eu, por oposição àquilo que se percebe ou enuncia como não-eu (aquilo que é meu; aquilo que é outro; aquilo que é do outro). A identidade, entretanto, não é uma experiência uniforme, pois é formada por sistemas de representação diversos. Cada um destes sistemas corresponde ao modo como o sujeito se atrela ao universo sócio-cultural. Existe, assim, uma identidade social; étnica; religiosa; de classe; profissional; política, etc. (COSTA, 1989, p. 21)

Ainda, Louro (1992, p. 57) apresenta uma perspectiva relacional sobre gênero:

Gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí, advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de prática sociais masculinizantes ou feminilizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a idéia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação.

Nesse sentido, a existência da identidade de gênero está articulada à vivência do ser humano como um sujeito social e cultural, propondo estabelecer relações de convivência, contrapondo-se a normas e valores sociais baseados no preconceito. Todos e tudo que divergem a essas normas e/ou valores tornam-se alvos da discriminação por serem vistos como "diferentes", ou "estranhos" (DIAS; RIOS, 2019). Podemos citar, como exemplo, a homossexualidade masculina, que está vinculada, tanto historicamente como culturalmente, ao feminino, se opondo ao que é supostamente "natural" de acordo com masculinidade e heterossexualidade, que são tomados socialmente como normas.

Se analisarmos as especificidades que vêm se desenvolvendo na Educação de Jovens e Adultos, a construção de identidades de gênero não tem recebido a devida atenção em abordagens do ponto de vista dos docentes, se comparado com outros aspectos que se destacam em pesquisas com o propósito de aprimorar as práticas pedagógicas, precipuamente, com a homologação da LDB (LDB, 1996), assim também como as Diretrizes Curriculares, que esclarecem as funcionalidades da EJA como reparadora, equalizadora e qualificadora (CNE/CEB, 2000).

Nesse sentido, é necessário levar em consideração a formação continuada da equipe pedagógica, desprendendo-se dos valores heteronormativos e adaptando-os à diversidade, além de aprimorar práticas curriculares realizadas na EJA, para que docentes LGBTQIA+ tenham a oportunidade de considerar a historicidade dos seus estudantes, assim também como seus

conflitos, e poder articular um bom relacionamento. Vale salientar a importância de a docente realizar atividades que sejam concernentes ao cotidiano dos alunos, reconhecer as peculiaridades, características sociais, culturais e pessoais, assim também como suas ansias e expectativas como discentes, indagando a percepção de suas individualidades, considerando suas diferenças, porém, sempre tratando sobre a diversidade e a importância do respeito para com o "outro".

É fundamental que os docentes possam proporcionar o verdadeiro sentido da aprendizagem para que o interesse por parte dos discentes seja desenvolvido de forma permanente. O papel do docente corresponde em fazer com que os discentes reconheçam sentido naquilo que eles estão observando através das aulas, sentindo-se incluídos. Compreender a trajetória de vida desses indivíduos, considerando que cada um presente naquele momento possui uma enorme diversidade no que diz respeito às suas experiências de vida, que foram sendo adquiridas ao longo dos anos através do contato interativo no mundo a sua volta. É fundamental que o professor desenvolva em si um olhar sensível diante dessa diversidade de realidades ali presente, pois ele irá encontrar realidades distintas às suas. Dessa forma, o professor, de fato, irá proporcionar um processo de aprendizagem significativo, e principalmente prazeroso para os discentes. Sobre isso, Moura (2009, p. 48) afirma que:

Pensar na formação do professor de jovens e adultos, no atual contexto socioeconômico, político e cultural exige uma avaliação e uma revisão da prática educativa e da formação inicial e continuada desses educadores, principalmente se considerarmos as especificidades e particularidades dos sujeitos-alunos-trabalhadores.

Sabemos que uma boa parcela dos alunos da Educação de Jovens e Adultos apresentam inúmeros obstáculos desde o momento que decidem retomar suas atividades escolares. Esses obstáculos se estabelecem em virtude da historicidade presente em cada vida desses indivíduos. Muitos almejam por transformação, além do desejo de resgatar e tornar realidade àquilo que eles conseqüentemente deixaram para trás em algum momento de sua vida.

A aquisição e o aprimoramento do conhecimento envolvem uma multiplicidade de fatores. Seja a difícil busca por um emprego (considerando a grande exigência do mercado de trabalho), desenvolver seu posicionamento profissional, sanar as dúvidas de seus filhos, ou muitas vezes dos netos nas atividades da escola, escrever ou ler uma carta; compreender uma conta de água ou de luz; ou até mesmo fazer uma simples lista de supermercado. São coisas aparentemente simples que para muitos de nós não correspondem a grandes desafios, mas para estudantes do EJA, se tornam dependências muitas vezes traumatizantes. Frente a isso, esses

sujeitos precisam sentir-se incluídos, pois eles não buscam apenas o real letramento, mas a autonomia para sua inclusão social.

O desconhecimento desses aspectos carrega o potencial de desencadear obstáculos quanto ao direito à educação. Alunas e professoras que se identificam como LGBTQIA+ podem ser afetadas direta ou indiretamente pelo medo em conviver com pessoas ditas "normais", destacando que, como citado, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade da educação que propõe reparar um direito que foi negado aos sujeitos, partindo de especificidades diversificadas em suas funções e avaliações. Vale frisar que, durante muitos anos, os termos "homossexualidade" e "heterossexualidade" foram definições utilizadas a fim de conceituar atividades sexuais "normais" e "anormais", onde o homossexual era de fato isolado como espécie pecadora e, posteriormente, como portador de uma enfermidade.²

Diante desse contexto, como envolver esse público que sofre com os ataques homofóbicos, privando-os ainda mais do direito à educação? Como associar às práticas educativas conteúdos que tratam das identidades de gênero para professores de EJA, quando existe a possibilidade desses não serem aceitos em salas de aula diante das lógicas heteronormativas na educação? Essas questões nos remetem à necessidade de melhor investigar as especificidades desses sujeitos, tanto estudantes quanto professoras, além dos fatores que inviabilizam o acesso e a estabilidade dos mesmos nas escolas, principalmente nas turmas da modalidade EJA. Sabemos que, quando o assunto aborda diversidade sexual ou identidade de gênero, seja em qualquer área da educação, as pessoas tendem a ser cautelosas e silenciosas a respeito. No entanto, essa temática deve ser discutida, principalmente quando se trata de docentes.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo analisar a atuação de professoras LGBTQIA+ da EJA no estado do Rio Grande do Norte, focando-se na trajetória biográfica de duas docentes da modalidade que atuam no agreste potiguar. A proposta é identificar e compreender os desafios enfrentados por docentes LGBTQIA+ na EJA, desde suas trajetórias de vida em relação às descobertas das suas identidades de gênero, até o ingresso nas instituições de ensino, assim também como as possíveis reações, tanto da equipe pedagógica dessas instituições, como por parte dos alunos e seus respectivos familiares ou responsáveis.

² A homossexualidade foi retirada da lista de doenças mentais da Organização Mundial de Saúde (OMS) apenas em 1990.

2. METODOLOGIA

Para uma melhor compreensão do objeto, foi realizada uma pesquisa qualitativa de nível exploratório, com o intuito de melhor satisfazer as necessidades de compreender a realidade dos objetos da pesquisa. De acordo com Gil, (2008, p. 27):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento.

Aliado a um escopo teórico que atravessa temas da identidade cultural, a diversidade, e os valores adquiridos durante a vida dos docentes, o processo de escolarização e narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão da vivência pessoal e profissional. Por conseguinte, duas professoras da rede pública de ensino, residentes na região agreste do Rio Grande do Norte, atuantes na EJA e pertencentes à comunidade LGBTQIA+, foram entrevistadas, com o objetivo de fundamentar, reconstruir e refletir suas trajetórias, relacionando suas singularidades e sentidos em comum. Destacar suas experiências e desafios é essencial na articulação com o mundo à sua volta, trazendo sentido ao mesmo.

Devido tratar-se de uma temática que aborde como principais eixos o preconceito e discriminação, as professoras foram mantidas em anonimato, com nomes fictícios. O método de narrativas autobiográficas, ou histórias de vida, nos permitirá a articulação e problematização necessárias para refletir sobre a formação e a vivência dos sujeitos investigados. Conforme Delory-Momberger (2012, p. 2):

Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e, em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência. Para dizê-lo de modo mais sintético: o objeto visado pela pesquisa biográfica, mediante esses processos de gênese socioindividual, seria o estudo dos modos de constituição do indivíduo enquanto ser social e singular.

Na perspectiva metodológica, a pesquisa biográfica e as narrativas de si estão atribuídas às complicações e dificuldades em priorizar o sujeito como um ser social e singular juntamente à cultura na construção do que realmente faz sentido para si próprio e em relação ao coletivo. De acordo com Vigarello (2016, p. 141), no que diz respeito às "escritas de si":

A interioridade do corpo torna-se objeto de uma apropriação pessoal. Deleitação, apaziguamento, calor, indicações aparentemente triviais, mas pela primeira vez tornadas excepcionais, todas sublinhando como nunca antes uma ocupação nova do espaço e do tempo, através das quais o indivíduo diz experimentar-se, centrando-se em si mesmo.

Partindo do conceito de Vigarello, percebemos que ao longo de sua vida e atento às características que são em si desenvolvidas pelo reflexo social no qual está inserido, o sujeito compõe sua identidade pessoal instigando referentes encontrados na sociedade através do contato com outros grupos. Todavia, ao moldar esses referentes considerando não apenas a si mesmo, mas todo o contexto social em sua amplitude, o indivíduo também compõe suas singularidades. Nessa perspectiva, a pesquisa biográfica pode facilitar a compreensão do sujeito nos mais diversos contextos sociais, revelando que a memória do mesmo não está isolada e associada a práticas individuais, mas que, quando em contato com a memória de outros integrantes do meio em que vive, contribuem para a memória coletiva, individual e histórica. De tal modo, Carvalhal (2006, *Apud* HENRIQUE; CAVALCANTE; NASCIMENTO, 2015, p. 19) assegura que:

Nesse sentido, a memória individual não está isolada, pois tem como referência pontos externos ao sujeito, percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica. Logo, a vivência em vários grupos desde a infância estaria na base da formação de uma memória autobiográfica, pessoal.

Dessa forma, na abordagem biográfica, o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes.

A narração dos fatos vivenciados possibilita momentos de reflexão, transformação para o próprio sujeito e para aqueles que tiverem acesso à pesquisa. Sobre isso, Goldenberg (2004, p. 37) afirma que:

Histórias de Vida é o melhor caminho para conhecer estes indivíduos que tomam decisões estratégicas, suas origens, seus instrumentos para controlar e manter o poder, seus valores e interesses.

Para a coleta de dados, a entrevista narrativa foi utilizada como instrumento metodológico visando um melhor acesso às histórias individuais de cada entrevistado. Sobre isso Muylaert *et al.* (2014, p. 194) afirmam que:

As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social.

As entrevistas ocorreram nos meses de março e junho de 2021, mediante a disponibilidade e a localidade dos entrevistados, consistindo num breve e amistoso diálogo antes do início do procedimento, possibilitando o esclarecimento de quaisquer dúvidas lançadas pelas entrevistadas, deixando-as a par dos assuntos abordados e objetivos do projeto. Foram

realizadas duas entrevistas, cada uma com aproximadamente 3 horas de duração. A hipótese subjacente a essa escolha metodológica é a de que, a partir dela, provavelmente histórias e vivências únicas virão à tona, relacionadas a sentimentos e ocasiões, marcadas pelo sucesso ou insucesso do que, possivelmente seja considerado um "estranhamento social" (FISCHER; GODINHO, 2019).

3. PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Louro (1997), desde a Antiguidade, a escola tem sido responsável por distinguir e diferenciar sujeitos internamente e externamente, ordenando e classificando as pessoas que a constituem. Homens e mulheres, adultos e crianças, meninos e meninas, evangélicos e católicos, ricos e pobres. Levando em consideração o fato de a mesma não acolher a todos os sujeitos, aqueles aos quais a escolarização foi negada, foram responsáveis por trazer transformações e diversidade para seu sistema interno de organização, de seus profissionais e currículos, método de avaliação, regulamento; propondo, assim, garantir e compreender a diferenças entre os sujeitos.

Por muito tempo, as comunidades e grupos sociais delimitaram suas diferentes formas de trabalho, tempo e espaço. Lugares proibidos ou permitidos e, os indivíduos que podiam ou não transitar pelos mesmos, delimitaram as formas como as pessoas deveriam usar seu tempo. Muitas práticas e muitas instituições, a exemplo da escola, interiorizam e naturalizam essas concepções. Essa "naturalização" nos faz observar, através da convivência de meninos e meninas, as suas práticas, as suas preferências, para quem olham e como se olham, com quem desejam conversar e em que momentos preferem ficar calados. Tais indivíduos começam a originar afinidades e constituem grupos com bases em suas preferências, classe social, sexualidade, dentre outros aspectos (LOURO, 1997).

O processo de fabricação desses sujeitos se dá de forma quase imperceptível. Isso acontece pelo fato de analisarmos mais as leis e os discursos autoritários que são regradados nas instituições, mas esquecemos que é o que realizamos em nosso cotidiano que nos envolve e gera interação como sujeitos sociais. Segundo (LOURO, 1997, p.63), são, pois, "as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizadas que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança". Mais uma vez, a autora nos leva a questionamentos a respeito da naturalização das coisas, e é nesse contexto que devemos estar atentos em nossa observação. Pois, não é para ser natural meninos e meninas se separarem em filas ou em grupos ou na hora da recreação; não é natural que os brinquedos sejam distribuídos

por gêneros; pois, se assim for, como meninos e meninas poderiam brincar juntos? É primordial a existência desses questionamentos, no que se refere ao que ensinamos em sala, e no sentido que os mesmos trazem a tudo o que eles aprendem. É preciso problematizar as teorias que orientam nosso trabalho. Tais problematizações devem ir além de ideias e questões inexperientes, motivando uma reflexão diferenciada, um olhar amplo e complexo, capazes de enfrentar as complicações nas "relações de gênero mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc" (LOURO, 1997 p.8).

Vivemos em uma realidade onde a matriz que rege as fragmentações e divisões relacionadas à sexualidade e gênero é restritivamente baseada na heteronormatividade social, conseqüentemente, todos os conceitos que joguem dos padrões são denominados como anormalidade: "romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito gênero" (LOURO, 1997 p.13). Devido a essas restrições, foram estabelecidos limites na interação entre gêneros, sendo originadas divisões nos "papéis masculinos e femininos", onde "uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar" (LOURO, 1997 p. 7). Nesse momento, a escola mais uma vez se destaca como uma grande influência nas práticas discentes, desde trabalho em grupos, como atividades em que há a divisão de meninos e meninas; ou, nas recreações. Se um menino decide brincar com um grupo de meninas, é chamado de "menininha", "bichinha", "viado"; ou, ao contrário, quando uma menina decide brincar com meninos é chamada de "Maria machão", "sapatão". Pois o que é proposto pela instituição escolar de forma explícita é a construção de sujeitos heterossexuais (LOURO, 1997).

A instituição escolar, dentre tantas outras, começou a ganhar uma atenção privilegiada da sociedade, da religião, dos familiares, do estado, sendo fundamental na formação de meninas e de meninos, de moças e de rapazes, como também dentre outras formações, como a formação de cristãos, mulheres dedicadas e virtuosas, homens responsáveis e lideranças. Ainda de acordo com Louro (1997, p. 91):

(...) à medida em que a instituição se tornava um espaço de formação privilegiado, tudo o que se passava no seu interior ganhava importância. Outros modos de educação e de aprendizagem continuaram a existir, é claro, mas as sociedades modernas ocidentais passavam a colocar na escolarização — e, então, nos sujeitos da escolarização — uma atenção especial. Isso representou não apenas olhar para as crianças e jovens e pensar sobre as formas de discipliná-los, mas também observar — e disciplinar — aqueles que deveriam fazer "a formação", ou seja, os professores.

Partindo desse pressuposto, vale refletir sobre a influência que a escola posicionava sobre a postura e a conduta dos docentes em relação às suas alunas. A necessidade de um

professor, mestre exemplar, sempre foi primordial nas instituições de ensino, sendo sua responsabilidade proporcionar às suas alunas a conduta e o comportamento adequados para serem levados ao longo de sua vivência dentro e fora da escola. Porém, para que esse processo tivesse bom desempenho, o professor não poderia ser apenas detentor de todo o conhecimento e saberes, ele deveria ser o modelo, um exemplo perfeito para seus alunos. Para esse especialista em formação de indivíduos, a religião era, inicialmente, com a formação jesuítica da escola nacional, a base que norteava seus comportamentos, seus saberes, sua linguagem, seus métodos de ensinamento e de construção de caráter (LOURO, 1997). Esses professores foram treinados para controlar seus discentes e em si mesmos na forma de falar, andar, gesticular, além de, como e porque observar suas alunas e a forma e o momento de corrigi-las. Um detentor de todos os saberes dos corpos e da sexualidade dessas estudantes, sobre suas ânsias e suas compreensões.

Porém, com o passar do tempo, ainda que essas práticas possam ser comuns em algumas instituições, a realidade do sistema educacional teve que se adaptar à realidade diversificada dos novos sujeitos e grupos que estavam adentrando às escolas. Como falado anteriormente, no momento em que os indivíduos que tiveram seu acesso à escola negado, considerando o fato da mesma não atenderem às necessidades de todos – nesse momento também trouxeram modificações aos padrões; as regras precisaram ser adaptadas às diferenças, tornando a idealização de instituição mais ampla e diversificada.

Vivemos, portanto, num momento de diversificação dos padrões e das identidades que orientam a sociedade. Esse processo está associado ao que Hall (2006) chama de “crise de identidade”, a qual é responsável pelo surgimento de novas identidades e a fragmentação do indivíduo moderno. Conforme Hall (2006, p. 7):

A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

A direção que vem tomando essa crise impacta o processo de transformação dos padrões sociais e educacionais. São inúmeros os casos de professores e professoras que objetivam mudar essa concepção heteronormativa, além de professores gays, transexuais, drag queens, professoras lésbicas, que formam o corpo pedagógico de muitas escolas, embora sofram constantemente com o preconceito e a homofobia, erguem suas cabeças e continuam a desenvolver suas atividades com maestria. Embora o tradicional ainda seja muito presente e influente em algumas escolas, desde o final do século XX, a diversidade e a fragmentação dessas identidades trouxeram a oportunidade de novas visões tanto para quem aprende, como

para quem ensina. Consequentemente, isso faz com que os sujeitos questionem suas personalidades e integridade, havendo um deslocamento daquilo que os sujeitos conhecem de si.

Nesse processo de transformações, é fundamental termos uma total avaliação das definições e das concepções de identidade. Hall (2006) traz três concepções de identidade. Na primeira, o autor argumenta sobre o sujeito iluminista, que consistia num indivíduo centrado e baseado nas capacidades da razão. Um ser individualista, onde o eu era essencial na construção da identidade. Em seguida, o autor explica a segunda concepção de identidade, onde o sujeito é sociológico. Nessa concepção, existe a complexidade do mundo moderno, e a compreensão que o núcleo do indivíduo partia da interação com outros sujeitos importantes para essa construção, através de valores, crenças, culturas, dentre outros aspectos. Segundo Hall, o "eu real" existente no sujeito iluminista ainda existe, porém formado e modificado pelo contato com outras culturas e outras identidades.

Esse processo de transformação de identidade, no qual um sujeito de identidade unificada passa a interagir com outras culturas, outras vivências, outros valores, produzem a terceira concepção de identidade, que, para Hall, denomina-se sujeito pós-moderno, onde a identidade está em constante transformação e cuja definição é histórica e não biológica. De acordo com Hall (2006, p. 13):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Através dessas concepções, que Hall define como “simplificadas”, podemos compreender o deslocamento de identidades contraditórias que possuímos, além do fato de que quanto maior forem as representações culturais e significativas encontradas ao longo de nossa vivência, maior será o confronto com possíveis identidades com as quais poderemos nos identificar.

Atualmente, uma das temáticas muito discutidas no universo de identidades, gêneros, diversidade e educação envolve a comunidade LGBTQIA+, que foge dos parâmetros tidos como normais nos âmbitos sociais e educacionais, por romper as barreiras heteronormativas em suas vivências junto aos seus desejos sexuais e corporais. Como vimos em Louro (1997), o sistema escolar tradicional é regado e padronizado numa matriz heterossexual, onde mestres e professores são treinados com o intuito de formar alunos baseados nos comportamentos, ânsias e desejos ligados biologicamente ao sexo. Confrontada com a realidade multifacetada, onde

identidades plurais se manifestam (HALL, 2006), seria possível afirmar que hoje temos uma instituição diversificada, disposta a aceitar qualquer indivíduo em seu corpo educacional, seja ele aluno, ou professor? A problematização das diferenças e da transigência de indivíduos que fogem dos padrões estabelecidos na sociedade, atrelada à comunidade escolar, corrobora a necessidade de uma mudança no comportamento dos profissionais agentes da escola, sejam eles diretores, professores, coordenadores, secretários, merendeiros, inspetores, dentre outros. Entretanto, mesmo diante da necessidade de novas metodologias, as amarras que prendem as instituições de ensino ao tradicionalismo ainda tendem a ser muito fortes. Conforme indica um entrevistado em pesquisa realizada acerca das vivências de professores homossexuais por Dias e Rios (2019, p. 549):

“Quando aquilo que faz parte de nossa vida cotidiana se torna problemático e confuso, quando ansiamos usar determinadas coisas e não sabemos como lidar com elas, quando a aceção costumeira das ações, dos valores ou das pessoas, não faz mais sentido, em suma, quando o que nos ensinaram sobre nós e sobre os outros já não nos satisfaz e queremos saber mais e melhor, esse desejo de deslocamento se choca com o fato de que você aprende que é errado aquilo que você sente, que Deus não gosta, a família não gosta. Você não é igual a seus coleguinhas e isso era um conflito em minha cabeça, eu ficava louquinho” (PROFESSOR OSSAYN). Nisso habita o estranho.

Diante do exposto, muitas das atribuições que são construídas em relação ao "outro", onde, na maioria das ocasiões, esse outro é "estranho" para a sociedade, partem da falta de conhecimento em relação a esse indivíduo.

De acordo com Dias e Rios (2019, p. 14):

O estranho apresenta-se enquanto objeto que é capaz de forjar situações de deslocamentos no pesquisador e que o faz por vezes, o seu objeto. Esse objeto constitui uma categoria que não se deixa categorizar, que é estranha às suas classificações sendo, portanto, resistente a qualquer tipo de posse.

Goffman (1988, p. 05) sugere, a esse respeito, que:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma.

Segundo o autor, o termo *estigma* reflete a uma peculiaridade altamente depreciativa. Além disso, o autor busca resgatar a compreensão e a historicidade do termo, onde, na Grécia Antiga, os gregos buscavam evidenciar através dos estigmas anormalidades e imoralidades nos indivíduos considerados impuros e poluídos, representando uma identidade devastada, devendo ser afrontada e evitada; em outras palavras, um mal infiltrado na sociedade.

Por conseguinte, com as transformações sofridas na sociedade humana, mais precisamente na Idade Média, o termo *estigma* passou a ser considerado motivo de orgulho para quem o tinha, simbolizando um presente dado pelo próprio Deus através de uma marca que deveria ser carregada durante toda a sua vida na terra, ou, através de uma enfermidade, defendendo a ideia de que, suportando o sofrimento nessa vida, o indivíduo alcançaria a eternidade, imune à toda dor. Ambos os casos, mesmo que citados em momentos distintos na história, deixam claro que a sociedade vem buscando gradativamente, ao longo do tempo, e através de normas e regras, definir e moldar as pessoas. Segundo Goffman (1988, p. 08):

As atitudes que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social.

Ainda de acordo com Goffman (1988, p. 6) a definição do estigma ocorre através da

(...) relação entre uma determinada característica, e o estereótipo que temos sobre ela, mais especificamente em relação à identidade. O indivíduo estigmatizado detém duas identidades: a real e a virtual. A identidade real se define através das características que alguém afirma deter, por outro lado, a virtual trata as características impostas ou elaboradas para alguém.

Nessa perspectiva, Goffman (1988, p.6) determina que " uma característica pode ser considerada um estigma, principalmente quando existe uma desarmonia entre a identidade social virtual e a identidade social real."

Em relação à comunidade LGBTQIA+, o processo de estigmatização se inicia no momento em que as normatividades sociais divergentes entre "sexo biológico" e as "funcionalidades de gênero" são ludibriadas nas relações sociais, sujeitando os indivíduos à segregação e fúria de certos grupos sociais. Isso acontece através da heteronormatividade implicada e imposta através de leis. Nessa perspectiva, o estigma em ser LGBTQIA+, (uma divisão na personalidade, podendo ser trazida ou não à tona), deixa evidente que a construção de um indivíduo pode ser manuseada ou entregue nas mais diversas formas em relação às ocasiões instituídas na sociedade. De acordo com Petry & Meyer (2011, p. 196) sobre a heteronormatividade:

(...) pode-se compreender o termo heteronormatividade como aquilo que é tomado como parâmetro de normalidade em relação à sexualidade, para designar como norma e como normal a atração e/ou o comportamento sexual entre indivíduos de sexos diferentes.

Petry & Meyer (2011, p.195) ainda afirmam que:

A heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade de acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho.

Um dos exemplos desse processo se dá através da relação entre os homossexuais e ao elevado número de portadores Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), configurando em um estigma, resultando em uma sociedade amedrontada e desconfiada. A definição de estigma torna-se mais rígida quando relacionado ao vírus do HIV, tornando-o um reprodutor de desigualdades sociais, oportunizando a desconfiança, a rejeição, o isolamento e o preconceito. A chegada do vírus que ocasiona a Aids, principalmente entre a comunidade LGBTQIA+ (mais precisamente entre homens homossexuais e bissexuais) veio reforçar e instigar o preconceito. Entretanto, vale salientar que, nesse mesmo período, o grupo social já era muito discriminado diante das considerações vindas de boa parte da sociedade em crer que os homossexuais detinham distúrbios morais e mentais. Vale frisar que, embora as percepções sociais venham se desenvolvendo com o tempo, a homossexualidade, juntamente outras categorias da comunidade LGBTQIA+, sempre foi vista como um estigma baseado em rupturas na sexualidade, sendo necessário que seus relacionamentos sejam muitas vezes manipulados e controladas por verdades normativas visando o bem-estar social. O estigma impossibilita a acessibilidade a diversos campos que compõem as estruturas do ser humano como um ser social, além de elaborar uma sistematização na instituição das desigualdades entre os menos favorecidos dentre a sociedade. O estigma, o preconceito e discriminação que afligem e cercam a comunidade LGBTQIA+ proporcionam momentos de extremas dificuldades, resultando, muitas vezes, em problemas psicológicos.

Contudo, possivelmente, muitas dessas atribuições que são feitas para o "outro", também são influenciadas por aspectos culturais construídos ao longo de sua vida, como valores, costumes e religiões. É válido especular que, com a diversidade que vem se intensificando nos padrões sociais, o número de professores homossexuais, transexuais, drags, bissexuais, também se intensifique. No entanto, diante do fato de que a heteronormatividade e as influências religiosas ainda estão presentes nas instituições escolares, é razoável supor que as docentes sejam obrigadas a omitir suas identidades por medo de constrangimentos e conflitos tanto para com as instituições às quais pertencem, quanto em relação aos discentes, seus respectivos responsáveis familiares e colegas de trabalho. É fato que lidar com o "outro", quando esse "outro" é diferente, estranho, é difícil, devido às diferenças em suas vivências, seus desejos, suas culturas. Será que esse mundo, esses valores, essas culturas, seriam desafiadores

quando, por exemplo, um profissional da educação pertencente à comunidade LGBTQIA+ fosse seu professor/a? Como esse educador/a reagiria aos olhares, comentários, conversações, o medo e o receio do diferente, que estariam demarcados em suas faces, provavelmente originando situações preconceituosas e homofóbicas? Em suma, como se dá a inserção de professoras LGBTQIA+ no espaço escolar da Educação de Jovens e Adultos? Quais os desafios e possibilidades encontrados por professoras LGBTQIA+ em sua atuação na EJA?

4. RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 WANDA – “*O que você quer? Olhe a forma que você se comporta, não poderia ser diferente*”

Nesse caso, acompanhamos a história de Wanda. Mulher trans que tem 49 anos e vem de uma família humilde e batalhadora, composta por ela, seus pais, sua irmã Lívia e irmão Pietro, ambos mais novos. Nascida e criada no interior da cidade de Monte Alegre-RN, sempre lutou para ajudar sua família a vencer as dificuldades, principalmente financeiras. Wanda nasceu menino e, por isso, os seus pais o chamaram de “Oswaldo”; entretanto, Oswaldo nunca se sentiu satisfeito em ser um menino. Ele não conseguia se identificar como tal, e isso resultava em total sofrimento a respeito de sua identidade. Wanda relata que, enquanto seus pais iam para as plantações, trabalhar na agricultura, ela ficava cuidando de seus irmãos e dos afazeres domésticos.

Eu adorava tudo aquilo desde a infância, cozinhar, arrumar a casa, cuidar dos meus irmãos, sempre tive esse instinto feminino, na verdade tinha toda convicção de que era uma menina, porém no corpo físico de um menino, sentia atração pelos meninos da minha idade, minhas vontades eram por coisas de meninas, amava brincar com as bonecas da minha irmã quando podia (WANDA, 9 de maio de 2021).

De acordo com LOURO (1992, p.7), sobre questões de identidade de gênero e identidade sexual:

Pela centralidade que a sexualidade adquiriu nas modernas sociedades ocidentais, parece ser difícil entendê-la como tendo as propriedades de fluidez e inconstância. Frequentemente nos apresentamos (ou nos representamos) a partir de nossa identidade de gênero e de nossa identidade sexual.

Por muito tempo, a sexualidade esteve centrada na heteronormatividade social, causando constantes conflitos frente às fragmentações de identidade. Sobre essas fragmentações, Hall (2006, p.9) diz que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando

nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.

Wanda esclarece acerca de todo o sofrimento que enfrentou diante da falta de conhecimento daqueles que ela amava a respeito do que ela sentia quando era obrigada a agir como menino, sobre sua identidade, tanto em relação a seus pais que o castigava e a maltratava por não agir como menino; como, também, aos seus colegas de infância que a xingavam e a apelidavam frequentemente. Muito emocionada, Wanda contou que foi obrigada a esconder o que sentia e como se sentia em prol do respeito para com seus pais, principalmente em relação à sua mãe, mesmo que isso significasse estar presa a ser alguém que não era ela mesma.

Com a chegada da pré-adolescência, as características comportamentais que Oswaldo estava tentando resguardar estavam tornando-se incontroláveis; sua maneira de vestir-se, de andar, de se sentar, como gesticulava as mãos ao conversar com suas amigas, suas preferências; um novo mundo de possibilidades começou a ser descoberto por Oswaldo. Wanda relembra que foi a partir desse momento que começou a deixar seu cabelo crescer, e descobriu o acesso a aplicações de progesterona. Porém, a opressão que vinha da parte de seus pais deixava Oswaldo cabisbaixo e entristecido. Ele se viu em uma situação muito complexa, por querer ser quem de fato era e não poder.

Wanda relata um episódio que refere ter sido "constrangedor e engraçado ao mesmo tempo"; isso aconteceu quando ela ainda era Oswaldo. Wanda diz que queria muito uma festa de aniversário na cor rosa, e que, quando seus pais souberam do desejo do filho, repudiaram de forma grotesca, pela cor rosa ser algo culturalmente demarcado como referente ao sexo feminino – ou, como conhecemos popularmente, "coisa de menina". Somente diante desse ocorrido Oswaldo teve iniciativa de tentar trabalhar. Então, usou o aniversário que tanto queria como meta para conseguir o que almejava. Oswaldo começou a fazer faxinas nas casas dos vizinhos e arrumar os cabelos de suas amigas, e, dessa forma, foi juntando o que precisava para realizar sua tão sonhada e linda festa na cor rosa. Wanda conta que no dia de sua festa a mistura de emoções foi intensa. Ela estava diante de sua realização, entretanto, sua família não compareceu para prestigiá-la, por a considerarem uma pessoa diferente e estranha em sua família. Para explicar esse processo de exclusão social Goffman (2004, p.8) diz que:

Fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa.

Se bem analisarmos o caso de Wanda, podemos afirmar que a mesma tenha sido estigmatizada diante dos atributos que a tornavam diferente daqueles que estavam à sua volta,

baseado naquilo que eles consideravam e julgavam ser "normal" ou "anormal". Goffman é novamente útil neste caso (2004, p.6):

Nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo.

Trataremos agora da vida estudantil de Wanda, quando ainda era vista e tratada como Oswaldo. Wanda conta que sempre se dedicou muito aos estudos, e que, desde os anos iniciais na escola suas questões de identidade sempre foram um problema, mas que isso nunca tinha tirado o mérito e o reconhecimento de sua capacidade e sua inteligência. Wanda cita que ainda deu aulas de reforço escolar em sua comunidade para algumas meninas, pois os meninos não queriam ter aulas com ela por medo de se “contagiar” com o que eles achavam ser uma doença transmissível. Como citado anteriormente, essa marca imposta e construída pela heteronormatividade presente nas leis e ensinamentos de que os homossexuais são sinônimos de doenças contagiosas têm sido um grande alimentador do processo de estigmatização da categoria LGBTQIA+ – tanto que por muito tempo a AIDS foi conhecida como Doença Gay.

Wanda afirma ter as piores e as melhores lembranças do seu tempo escolar como Oswaldo.

A escola, por não estar preparada para receber alguém como eu, se torna um local muito cruel. Logo eu já tinha o cabelo comprido, tomava a pouco tempo hormônios para ficar mais afeminada, usava maquiagem, então quando eu cheguei foi um impacto muito grande pra toda a escola, não pela ausência de homossexuais; lá tinha, mas eu não era homossexual, eu era um menino (odeio essa palavra) em transição para o corpo de menina. As pessoas não sabiam como lidar com isso, e quando elas não sabem lidar com o diferente, elas fazem o diferente ser excluído. Nossa! Foi horrível os primeiros meses, piadas, insinuações, brincadeiras sem graça, agressões. (WANDA, 9 de março de 2021)

A escola tem um papel primordial no que diz respeito à mobilização e conscientização social. A falta de preparação da instituição escolar, juntamente à não preparação da comunidade a qual está inserida no que diz respeito ao acolhimento daqueles que eles estigmatizam podem trazer terríveis consequências na vida daqueles que são estigmatizados. Diante disso, é essencial que a identidade de gênero seja um tema constantemente abordado em seus mais diversos aspectos no meio escolar, principalmente considerando uma sociedade extremamente marcada pela heteronormatividade.

Pessoas como Wanda podem sofrer constantemente, devido a muitas instituições escolares não construírem novas expectativas para aquelas que a constituem. Isso pode ocasionar em experiências boas, ruins ou extremamente ruins para aqueles que não correspondem aos padrões sociais. Wanda sentiu friamente as consequências de uma escola que não abordava em sua grade curricular "o respeito pelo outro", dessa forma, sendo muitas vezes

desprezada e até mesmo violentada. De acordo com Barbosa *et al* (2011) é papel da escola contribuir para a construção de uma nova cultura, pautada no respeito às diferenças e no enfrentamento da homofobia. Wanda relatou muitas vezes ter chegado da escola e sentir-se a pior pessoa desse mundo, trancando-se no quarto e pensando em uma forma de mudar, deixar de ser quem é para que tudo aquilo passasse. De acordo com Goffman (2004, p.11):

A característica central da situação de vida do indivíduo estigmatizado pode, agora, ser explicada. É uma questão do que é com frequência, embora vagamente, chamado de "aceitação". Aqueles que têm relações com ele não conseguem lhe dar o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua identidade social os haviam levado a prever e que ele havia previsto receber; ele faz eco a essa negativa descobrindo que alguns de seus atributos a garantem.

Goffman (2004, p. 11) continua explicando que "em alguns casos lhe seria possível tentar corrigir diretamente o que considera a base objetiva de seu defeito". Em continuidade ao processo de ingresso de Wanda na escola, no período em que ainda a tratavam como menino, a interlocutora cita dois casos que marcaram perversamente seus anos escolares:

Tinha um menino, o nome dele era Charles, eu era louca por ele, mas ele e os amigos dele me tratavam como lixo, eram os piores, jogavam casca de banana em mim, me apelidavam, empurrava, colocava o pé para que eu caísse. Nesse dia eu estava no pátio com minhas amigas, e um dos amigos dele me chamou no reservado e me entregou um bilhete escrito por ele. Estava mandando eu ir para o terreno ao lado da escola, pois era zona rural, e nas laterais não tinham casas, eu quase enlouqueci, fui ao banheiro, me ajeitei toda e fui, quando cheguei lá, estava ele mais 6 amigos, eles me pegaram à força, rasgaram minha farda, me obrigaram a fazer sexo oral em todos eles e ainda me deram uma surra com galho do pé de goiaba. Foi horrível, fiquei lá no chão próximo a um coqueiro chorando, até criar coragem e voltar pra escola. Chegando lá, fui à diretoria e relatei o que tinha acontecido, a resposta que eu tive foi : "o que você quer? Olhe a forma que você se comporta, não poderia ser diferente." Eu não acreditei, mas mesmo com esse pensamento que hoje eu vejo que foi ridículo, ela tomou algumas medidas, suspendeu os meninos e chamou as mães de cada um, não sei porque é nem pra quê. Com isso, as coisas pioraram, pois naquela mesma semana eles me alvejaram com pedras na minha ida para casa, foi horrível, minhas amigas não puderam fazer nada, foi uma das piores sensações da minha vida. (WANDA, 9 de março de 2021)

Wanda foi abusada sexualmente em sua própria escola, deixando claro e evidente o quanto a comunidade LGBTQIA+ tem sido estigmatizada, mesmo em instituições cuja obrigação é defender suas adolescentes e crianças. A violência contra pessoas LGBTQIA+, principalmente transexuais (transfobia), é algo nitidamente frequente no Brasil. De acordo com Minuano (2021), o Brasil se mantém na liderança do vergonhoso ranking de países que mais matam pessoas trans no mundo. Em 2020, foram 175 travestis e mulheres transexuais assassinadas. A alta é de 41% em relação ao ano anterior, quando foram registrados 124 homicídios. Segundo Podestá (2019, p. 363), o conceito de “*transfobia*”, que tem sua origem através do termo anglo-saxão *transphobia*, é uma definição avançada que busca identificar e

expor as mais diversas agressões contra transsexuais, consequentemente estimulando ainda mais o preconceito contra indivíduos LGBTQIA+. Podestá (2019, p. 369) ainda diz que:

As discriminações e exclusão social que acompanham a estigmatização da vivência trans – como a expulsão do seio familiar ou do ambiente escolar, a negação do nome social, os xingamentos e ridicularização da imagem da pessoa trans em locais públicos como a rua – são também caracterizadas como violência, porém invisibilizadas – e naturalizadas – para o funcionamento da norma de gênero no nível da transfobia.

Wanda relatou que esses eventos marcaram muito sua vida na escola, embora outros atos preconceituosos e até mesmo violentos tenham acontecido. Ela sabia que deveria tomar uma atitude se quisesse ter um futuro diferente. Wanda sempre pretendeu vencer na vida, e estava disposta a mostrar que a sua orientação sexual e sua identidade não iriam definir sua capacidade e intervir na conquista dos seus objetivos. Wanda refletiu a respeito do que movia as pessoas a terem pensamentos tão maldosos referentes àquilo que elas consideram ser diferentes e decidiu tomar uma atitude a respeito; ela sabia que não podia mudar o mundo, porém ela compreendia que era responsável em fazer a sua parte:

Na mesma semana, falei com uma amiga minha que trabalhava na prefeitura para saber como conseguiria um emprego em uma escola, e ela mandou procurar o secretário de Educação do Município. Isso, eu nem tinha terminado o ensino médio, mas minha vontade em ter um espaço e por liberdade gritava dentro de mim, eu precisava fazer alguma coisa. Procurei o Secretário, contei toda a minha situação e minha vontade, ele olhava pra mim com cara de condenação, como se dissesse: "o que faz um viado querendo dar aula?" (WANDA, 9 de março de 2021).

Frente a isso, Santos (2005, p. 123) nos assegura que:

Em primeiro lugar, cada um de nós pode recusar uma identificação e se definir de outra forma e, por outro lado, sendo um processo construído socialmente, muda de acordo com as mutações sociais dos grupos de referência e de pertença a que estamos ligados, conforme estes alteram as suas expectativas, valores influentes e configurações identitárias.

Infelizmente, é provável que no meio educacional essas atitudes como a do Secretário Municipal de Educação à qual Wanda se refere sejam mais comuns do que gostaríamos. Uma realidade já conhecida por nós, de que o preconceito e a discriminação estão constantemente presentes no cotidiano de pessoas estigmatizadas. Wanda prossegue:

Senti o desânimo dentro de mim, mas naquele momento a sorte estava do meu lado, ele disse que era impossível eu ser professora, pois nem o magistério eu tinha, fiquei triste mas não abatida; quando me levantei da cadeira para sair da sua sala, por coincidência, a Prefeita ia chegando na secretaria, e pra minha maior surpresa ela era mãe de um dos meninos que me perseguiram na escola. Ela perguntou o que eu tinha ido fazer lá, e eu contei tudo novamente, ela simplesmente olhou para o secretário e disse: "arrume uma sala de aula pra ela". Quase morri de felicidade. Mas ela me fez prometer que faria meu curso superior, e assim eu o fiz. No dia 07 de março de 1988, eu fui pra dentro de uma sala de aula. Comecei ensinando à tarde no ensino fundamental. Aí começou outro momento muito difícil na minha vida, eu não sabia que iria sofrer tanto pra poder realizar meu sonho (WANDA, 9 de março de 2021).

Wanda começou suas atividades como professora ministrando no Ensino Fundamental e, para ela, não foi fácil. A professora comentou que antes mesmo de iniciarem as aulas, os comentários preconceituosos começaram a surgir pela comunidade, pois se recusavam a permitir que seus filhos frequentassem as aulas pelo fato de a professora ser um homem vestido de mulher. Wanda tentou recorrer à gestão escolar, porém a mesma não se posicionou de forma contrária, afirmavam compreender não ser fácil “ter um homem vestido de mulher andando e dando aulas dentro da escola”.

Wanda foi abordada várias vezes por reclamações por parte dos familiares dos alunos, até que decidiu fazer algo para mudar esse quadro. A professora foi nas casas de todos os seus alunos com o intuito de conversar com seus pais e convidá-los a uma reunião:

Eu senti muito medo pois não fazia ideia da reação deles, não sabia se iriam me acolher em suas casas ou me expulsar, mas fui e falei com todos, muitos olhares tortos, muita desconfiança, até água me negaram, mas com um sorriso no rosto e muita educação fiz todas as visitas e todos os convites. (WANDA, 9 de março de 2021)

No dia da reunião, a professora foi para a escola convicta de que absolutamente ninguém estaria presente, porém a mesma estava enganada, todos os responsáveis compareceram à reunião, isso deixou Wanda extremamente feliz. Ela aproveitou o momento de total silêncio e olhares totalmente focados nela e fez uma apresentação sobre si, ressaltando quem ela era e o que ela era:

Deixei claro que estava ali com a melhor das intenções, que era trazer conhecimento para as crianças, e um pai soltou: "ensinar a ser como você?" Dei silêncio por resposta, mas corrigi falando que eu era uma pessoa como qualquer outra e que eles teriam que me ver como a professora de seus filhos, então uma avó que estava presente falou: "mas você não é mulher". E eu, educadamente, perguntei se o que eles viam ali se parecia com homem ou com mulher, e todos disseram: "MULHER". Eu expliquei que tinha nascido homem, porém me sentia uma mulher e que isso não iria interferir em seus filhos aprenderem ou influenciar a ser como eu. (WANDA, 9 de março de 2021)

Wanda fez vários esclarecimentos e pediu a todos que lhe dessem uma chance; e, assim, o fizeram. Segundo Wanda, "*no dia seguinte, todos os alunos foram para as aulas, não foi fácil, muitas piadas, muitas perguntas, maus tratos principalmente com os colegas professores, mas, pouco a pouco, tudo encontrou seu lugar, consegui a confiança dos meus alunos, dos seus pais e tudo foi dando certo.*"

Antes lecionando a uma faixa de crianças de 8 anos de idade no Ensino Fundamental durante quase 12 anos (aproximadamente entre 1988 e 2000), Wanda passa a lecionar na Educação de Jovens e Adultos, devido à troca da gestão municipal. Wanda acreditava que seria

uma experiência menos complexa, considerando tudo o que havia passado em sua vida como discente, onde foi abusada, violentada e ignorada cruelmente em sua experiência no Ensino Fundamental, sendo alvo de julgamento e desconfiança frente a sua identidade. Wanda sabia que agora estava lidando com adultos. Não obstante, os empecilhos continuaram surgindo. Wanda sentia novamente a frieza vindo da parte da gestão escolar em ter uma mulher trans fazendo parte do quadro de funcionários. Perguntas do tipo: "*Será que eles vão aceitar?*", "*Você acha que é capaz?*". Mas, Wanda estava ali para ensinar independentemente de qualquer obstáculo.

Wanda não tinha total conhecimento sobre o público complexo que iria lecionar. A modalidade EJA abrange uma diversidade grande de indivíduos que muitas vezes são marginalizados na sociedade: idosos, jovens problemáticos de outras instituições, pessoas negras que sofrem com o racismo, pessoas como a própria Wanda que eventualmente desistem de estudar diante dos casos de homofobia. Segundo ela, houve dificuldade principalmente com relação às pessoas mais maduras, pois, em suas visões, ter alguém como ela ensinando-os era estranho e anormal. A professora também registrou inúmeras piadas, brincadeiras sem graça, e risos de deboche que ouvia dos grupos de jovens que haviam sido expulsos de outras instituições. Mesmo com tudo isso, Wanda continuou fazendo seu trabalho sem deixar se abalar. Porém, não era fácil:

Tinha um senhor que ele não aceitava que eu o ensinasse de forma alguma, mandava eu sair de perto de forma até agressiva verbalmente, mas mostrei, e mais uma vez deixei claro sobre quem eu era, e pra que eu estava ali, então com o tempo consegui conquistar meu espaço (WANDA, 9 de março de 2021).

Wanda lutou de todas as formas possíveis durante toda sua vida. Enfrentou família, enfrentou a violência, enfrentou o desrespeito e a desconfiança, enfrentou toda uma sociedade, convicta de seus desejos e capacidade de ser uma ótima profissional da educação:

Esse ano, estarei fazendo 50 anos de idade e 33 anos de sala de aula, tenho total convicção de que não é fácil para a instituição escolar aceitar "o diferente" em seu âmbito. A mesma além de não estar preparada, não prepara seu público para esse acolhimento, pode até ser que tenhamos dado alguns passos, mas pelo que vemos da marginalidade sobre homossexuais e mulheres trans ainda existe muito a ser pensado e refletido. Até hoje ainda sofro com isso, olhares tortos, críticas, mas aprendi que na minha vida toda fui apontada e criticada, e isso só serviu pra que eu evoluísse, como ser humano e como profissional, enquanto eu tiver forças lutarei por este espaço (WANDA, 9 de março de 2021).

4.2 CLARK - O confronto de ser e não poder ser

Conheceremos agora a vida de Clark, nascido na cidade de Guarabira, Paraíba, no dia 7 de janeiro de 1986. A vida de Clark não foi fácil, principalmente quando o assunto é a sua sexualidade.

Clark nasceu em meio a uma família evangélica, criado para seguir as regras e as exigências impostas pela Igreja, ouvindo o que era certo ou errado perante o juízo da religião transmitida pelos familiares. Clark era filho único, ou seja, tinha toda atenção voltada para si. Seus pais, Martha e Jonathan, sempre lutaram para lhe dar o melhor possível. Mesmo Clark tendo uma vida boa e tranquila, ele sentia que nem tudo ia bem sobre quem ele era realmente. Clark sentia-se diferente. Sobre isso, Hall (2006, p. 12) afirma que:

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias, ou não-resolvidas.

Reafirmando a ideia do autor, o entrevistado asseverou:

Eu sempre me senti diferente das outras crianças, embora minha mãe nunca permitisse, eu gostava de estar sempre junto com as minhas coleguinhas da igreja, e na escola não era diferente, não sentia nenhuma vontade de fazer parte do grupo dos meninos. As músicas que cantavam na igreja eram cantadas por mulheres, eu amava, e isso incomodava algumas pessoas (CLARK, 22 de março de 2021).

Partindo do exposto, é evidente o conflito de identidade existente no sujeito. Clark, de fato, havia nascido biologicamente "menino", porém, o mesmo não se sentia confortável como tal. Sua história, suas preferências e suas construções cotidianas estavam resultando no que Stuart Hall (2006) chama de "sujeito pós-moderno". Sobre isso, HALL (2006) acredita que a identidade é construída historicamente e não biologicamente, estando fundamentada em acontecimentos decorrentes na vida do indivíduo. Logo, o sujeito define uma imagem sobre si onde vai sendo desenvolvida através de suas experiências pessoais e trocas de experiências com outros indivíduos, podendo assumir inúmeras identidades ao longo de sua vida. É importante destacar que o processo de construção de identidade de um indivíduo não acontece de forma individualizada, muito menos isolada; a mesma está associada a uma construção processual e histórica, estando marcadas pela interatividade com a construção do "eu", do "outro".

Hall (2006, p. 13) ainda prossegue dizendo que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.

Mesmo estando em conflito com os inúmeros pensamentos e dúvidas referentes a quem de fato ele era, Clark estava sentindo o preconceito dentro do próprio ambiente de convivência social. Com o passar dos anos, e a mente mais estabilizada a respeito de si, Clark sabia que aquele ambiente não lhe pertencia. Clark não conseguia se enquadrar aos padrões impostos pela igreja, e isso o afligia: "*Eu gostava e admirava os outros meninos, sentia atração por eles, e isso me angustiava, pois sabia que não iria ser fácil pra mim assumir quem eu realmente era, e pra minha família, aceitar essa realidade*" (CLARK, 22 de março de 2021). Frente a toda essa situação, Clark decidiu ir se afastando aos poucos e dessa forma seguir com sua vida.

O jovem Clark sempre foi muito popular na cidade onde mora. Fazer amizades e ser comunicativo nunca foi um problema para ele, isso facilitou muito seu ingresso na vida escolar, embora sempre existissem grupos cujo objetivo era aparentemente julgar e menosprezar àqueles que não correspondem às suas construções sociais e culturais, sentindo-se melhor e "mais normais" do que os outros. Sobre isso Louro (2000, p.6) deixa claro que:

As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Infelizmente, muitos indivíduos ainda acreditam ter autoridade sobre as construções sociais e vivências do "outro". Quando isso foge do controle, pessoas como Clark acabam sendo alvo de situações difíceis envolvendo atitudes preconceituosas e constrangedoras. Entretanto, Clark diz nunca ter sido agredido fisicamente por nenhum destes.

Na faixa de seus 13 anos, Clark já tinha um pouco mais de clareza no tocante à sua sexualidade e de como ele se identificava; e sua mãe, embora não aceitasse essa situação devido aos posicionamentos religiosos que seguia, decidiu o apoiar e o respeitar, pois independentemente de qualquer coisa, ele era seu filho, e isso era extremamente importante para o jovem Clark.

Quando, em 2001, finalmente terminou o Ensino Médio, Clark conseguiu um emprego em uma pousada na mesma cidade onde morava, "*para ajudar nas contas em casa, e para que os demais não falassem que ele era um peso para a família.*" Esse emprego era o que Clark precisava para entrar em uma nova fase de sua vida. Mesmo ainda sendo menor de idade, o jovem sentia que aquele seria um novo começo para novas oportunidades. Já no emprego, através de sua popularidade e facilidade em comunicar-se, Clark construiu novas amizades; algumas delas seriam de suma importância para a sua vida. Sobre seus amigos, um era homossexual (vamos chamá-lo de Bobby Drake), outro era drag queen (vamos chamá-lo de Tony Stark) e as outras duas eram travestis (vamos chamá-las de Diana Prince e Núbia Prince).

As "monas", como Clark intimamente as chamavam, se tornaram uma parte de sua família, e apresentaram ao jovem um mundo de possibilidades:

Foi um tempo muito bom, porque foi aí que eu descobri a arte de ser drag queen, aprendi a maquiagem, fazer pinturas, conheci histórias de algumas drags como Adore Delano, Shangela, Sasha Velour e suas respectivas trajetórias, eu me encantei por todo o universo drag queen. (CLARK, 22 de março de 2021)

A partir desse momento, um Clark diferente estava surgindo; novas vontades e novos objetivos surgiam junto com ele. O jovem relata o momento em que tudo começou a de fato mudar a sua volta:

Em uma das noitadas em que eu saía com minhas amigas, fomos para uma discoteca local, e lá reencontrei um professor do ensino médio (vamos chamá-lo de Erik Lehnsherr), ele lecionava artes na escola na qual estudei, começamos a conversar, papo vai papo vem, acabei comentando com ele sobre minhas iniciativas em ser drag queen. E, nessa noite, eu tive uma das melhores notícias, ele iria me apresentar a uma amiga dele, ela era dona de um local onde aconteciam apresentações de drags, quase morro de felicidade. Trocamos nosso Orkut (rede social muito usada nessa época) e começamos a articular as coisas. Criei meu personagem, (vamos chamá-la de Raven Darkholme) baseada completamente em mim mesmo, fiz meu primeiro show como Drag no dia 23 de julho de 2004, em uma festa denominada "Festa do Sinal", aquele dia foi tudo, eu era a pessoa mais feliz do mundo (CLARK, 22 de março de 2021).

Partindo do exposto, é fato de que a negação definida da identidade do "eu" e do "outro" é algo extremamente constante na vida de pessoas como Clark e Wanda, onde esses, por meio da exclusão, e do preconceito, tentam definir incansavelmente a sua existência. Frente a isso, momentos como o primeiro show feito por Clark, bem como a festa de aniversário de Wanda, tornam-se primordialmente fundamentais e marcantes para a autoafirmação de suas identidades. No que está relacionado à descoberta do "ser", Silva, Lima e Correia (2013, p. 32) inferem que:

A construção histórica da homossexualidade compreende-se por um processo amplo da identidade sexual e da sexualidade. A descoberta do ser homossexual dá-se na construção de sentidos sobre as relações de sexo (natural, biológico) e gênero (construção social), uma discussão que se alarga em diversos campos de saberes dentre os quais a medicina e a psicanálise.

Nessa linha, Britzman (1996, p. 40) ainda nos assegura que:

Nenhuma identidade sexual, mesmo a mais normativa é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. (...) Em vez disso, toda identidade sexual é um construto instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não-finalizada.

Mesmo diante dos conflitos que o processo de identificação e aceitação de identidade pudessem repercutir em Clark, ele comenta que sua apresentação foi um sucesso, e que, ao término, inúmeros convites foram surgindo. Clark estava orgulhoso de si. Por conseguinte, a dona do local onde aconteciam as apresentações o convidou para realizar apresentações fixas

nos finais de semana; o sonho do jovem Clark estava se realizando. Porém, pouco tempo depois, Clark foi demitido da pousada onde trabalhava para ajudar sua família. Clark se viu desesperado, mas não deixou ser abalado: o jovem viu nessa situação a chance que esperava para ser livre. Levando em consideração que sua mãe também não gostava quando ele saía para fazer suas apresentações, Clark decidiu sair de casa e ter seu próprio "cantinho":

Foi quando parei pra refletir que se eu queria seguir meu sonho tinha que seguir com minha vida de forma independente. Então consegui um bico numa mercearia próximo à pousada onde trabalhei. Conversei com minha mãe que iria sair de casa; como de vez em quando eu fazia unhas e cabelos das minhas amigas, associado ao que ganhava nas apresentações, acreditei que daria pra me manter. Aluguei um quartinho, e comecei a morar sozinho (CLARK, 22 de março de 2021).

Aos poucos, as coisas iam se encaixando, porém, Clark sempre sentia falta de algo mais para a sua vida. O jovem lembra que, em uma tarde, tinha chegado do serviço, tomou um banho e pôs-se a descansar, ouvindo um pouco de música, como era de costume. De repente, bateu em sua porta uma outra amiga sua, que ele havia conhecido na discoteca onde frequentava (vamos chamá-la de Ororo Monroe). Clark sentia-se muito bem em conversar com Ororo, então ele decidiu abrir-se com ela e contar o que estava deixando-o aflito:

Falei que estava preocupado com meu futuro, e com a importância que estava dando a ele, que queria continuar com meu sonho em ser uma drag, mas queria algo mais pra mim. Foi quando Ororo me perguntou o que eu achava em fazer um curso superior; e me tornar um professor. Eu não fui muito de acordo, justamente devido à minha orientação sexual, mas ela me disse que isso não tinha absolutamente nada a ver, então eu comprei a ideia (CLARK, 22 de março de 2021).

Nesse momento, Clark refletiu no que poderia fazer como professor. O que ele poderia mudar? Não demorou muito para Clark entrar numa faculdade, afinal era um jovem extremamente inteligente e dedicado a tudo o que fazia. O jovem diz que não teve dificuldades em se relacionar e progredir no universo acadêmico, sempre foi muito bem aceito, as pessoas o reconheciam pelo seu caráter e sua capacidade, e não pela sua vida pessoal. Clark finalizou seu curso de graduação em Pedagogia no ano de 2010, estava orgulhoso de si, pois sabia da importância de ter alguém como ele fazendo parte das construções regidas pela sociedade e pela instituição escolar. É justamente na escola que temos alguns dos primeiros contatos com atitudes preconceituosas em nossa vida. Lá no primário, quando não deixamos uma criança "gordinha" sentar na mesa conosco na hora da merenda; ou quando chamamos um menino de "menina", ou menina de "menino", somente por sua forma individual de portar-se. Conforme Silva e Rios (2019, p. 562):

As ameaças que chegam ao estudante gay são oriundas não apenas da família, pois no espaço da escola as marcas das diferenças são vividas, desde muito cedo. Assim, uma vez observadas, elas viram motivo de chacota e cena de tensões.

Desde muito cedo, somos julgados e classificados com base na heteronormatividade. Tal discriminação estrutural, por sua vez, tem trazido infelicidade para a vida de muitos indivíduos como Clark. A instituição escolar muitas vezes só agrava essa situação, pois, dentro dela, aprendemos a ser menino e menina, e o que foge disso não é correto. Quando chegamos ao Ensino Fundamental e Médio, o cenário se agrava, pois, é a partir daí que, gradativamente, os desejos e preferências vão aflorando em nossos corpos. Silva e Rios (2019, p. 563) ainda nos são úteis quando afirmam que:

Nas relações com as identidades diferentes, no ambiente da escola, os estudantes começam a vivenciar seus primeiros olhares diferentes sobre si mesmos, o que chamamos aqui de estranhamentos. A escolha pela terminologia *estranhamento* deuse pela forma como os próprios jovens falam de si, do modo como foram se defrontando com a contradição de uma identidade imposta e uma identidade negada. A diferença reconhecida reverbera no sujeito como uma provocação, levando-o a se questionar, a tentar entender o que se passa com seus desejos e sensações. Buscar entender o porquê de certos comportamentos que incidem em tantas represálias.

Considerando o exposto, era justamente nesse ambiente onde Clark se enxergava ser útil, era ali que ele podia fazer alguma coisa por pessoas como ele, e ensinar as pessoas diferentes dele a respeitar o lugar do outro. Frente a isso, Clark sabia que tinha vencido mais uma etapa em sua vida, mesmo tendo ouvido tantas frases e palavras que só serviam para o entristecer. Entretanto, agora iria começar outra luta em sua vida:

Finalizado a graduação, não fui de cara pensando em largar tudo que construí, foram muitas lutas que enfrentei, nenhuma escola particular quis me contratar pelo meu jeito afeminado, embora meu histórico escolar fosse intacto. Tentei muitas provas de concursos, tanto na minha cidade como em algumas circunvizinhas, apenas para ser professor polivalente, e pode ser sincero? Foi horrível, o preconceito estava estampado na cara de todos, por justamente todos me conhecerem, sabiam que eu era gay, e que na noite assumia uma outra personalidade para me apresentar, mudei tanto de sala, de turma, de horário, até de escola, até que não suportei mais e tive que dar um "basta" (CLARK, 22 de março de 2021).

Clark sabia que não seria fácil sua vida, ele tinha total convicção que deveria ser muito forte e ter muita força de vontade, ciente de que boa parte da população não está preparada para aceitar o diferente, o estranho dentre eles. A intolerância e a exclusão estão ligadas: onde estiver uma, certamente a outra aparecerá. A aceitação do outro (aquele que é o estranho, o diferente) perpassa tanto a tolerância quanto a inclusão (COMANDULLI, 2015). No entanto, Clark sabia que ele não era e não é obrigado a aceitar nada nesse campo; aqueles que os estigmatizavam é que deveriam respeitar o lugar de cada um e suas respectivas orientações. O jovem professor teve sua primeira experiência em sala de aula no Centro Educacional José Maria de Aguiar Filho, localizada na zona urbana da cidade de Guarabira-PB. Embora estivesse com medo, Clark ergueu sua cabeça e apenas decidiu ser ele mesmo. E deu certo:

Fiz amizades com todo mundo, me comuniquei e garanti meu espaço de como eu era. Com o tempo, as pessoas passaram a me ver como um professor comum, como qualquer outro, as crianças me amavam porque eu sempre fui muito divertido. (CLARK, 22 de março de 2021)

No ano de 2019, Clark foi transferido da escola onde trabalhava para a Escola Municipal Prefeito Iarandi de Aguiar (PROEJA), a mesma localizada no centro da cidade de Guarabira-PB, para ensinar a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Não foi fácil, pois ele compreendia a diferença entre os alunos que ele lecionava, crianças que estavam formando seu conceito de vida, para os alunos que ele ia lecionar: jovens, pessoas idosas, trabalhadores, grupos marginalizados. Clark estava nervoso e receoso sobre a reação de seus alunos em conhecê-lo:

Primeiro dia de aula, cheguei, me apresentei e logo teve uma senhora que colocou a mão na boca com um aspecto de deboche, então nem deixei se agravar, já abri logo o papel da verdade, conversei com eles perguntei se haveria algum problema eles terem um professor como eu; eles ficaram meio assim, mas disseram que não. Então comecei a quebrar a má impressão que eles poderiam ter em relação a alguém como eu e as coisas foram fluindo, e assim, acredito que foi e tem sido um aprendizado pra mim também, porque eles sabem de tantas coisas, eles têm muito a ensinar, nunca me faltaram com respeito, à não ser uma vez, diz ele que era pra mim ter jeito de homem, nesse dia até a polícia foi acionada na escola (CLARK, 22 de março de 2021)

Acerca dessa experiência, as reflexões de Louro (2000, p. 12) são importantes:

É fácil concluir que, nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de diferenças. Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade. O reconhecimento do "outro", daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens). Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros", sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual.

Com base no que foi afirmado pela autora, sabemos que os processos de reconhecimento de identidade em casos como o de Clark têm sido marcados por constante perseguição e conflito, muitas, e na maioria das vezes, acompanhados por violência, maus tratos e constrangimento. Tudo o que é estranho, é julgado cruelmente pela sociedade. A violência, seja ela física ou verbal, está presente constantemente na vida de professores como Clark, que anseiam por um futuro sem ter medo de ser quem realmente são. Trata-se de seres humanos, que pelo simples fato de quererem poder amar alguém, são apedrejados e humilhados. Mesmo com todo o preconceito, mesmo com todos os desafios que surgiram no caminho de Clark, ele

nunca desistiu de sonhar e de tentar realizar seus sonhos. Ainda não sabemos se, de fato, a sociedade tem avançado em respeitar o lugar do "outro" na sociedade. Importante questionar, no contexto atual, quantos iguais a Clark e Wanda, profissionais de excelência na Educação de Jovens e Adultos, sofrem e morrem apenas para ter um futuro e realizarem seus sonhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo da identidade de gênero ainda é visto, frequentemente, como tabu. Porém, diante da importância e da necessidade de explorar essa temática, buscamos, nesse artigo, compreender a percepção social e institucional no tocante à sexualidade em suas mais diversas fragmentações, considerando a trajetória de vida de professores LGBTQIA+ que hoje são atuantes da modalidade EJA. Partimos das suas vivências pessoais, seu ingresso na instituição escolar, passando pela sua formação acadêmica, até sua atuação como professores da Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido, o acesso às narrativas (auto)biográficas das entrevistadas foi fundamental para que houvesse uma percepção a respeito de todo esse processo de autoaceitação nas instituições escolares, contribuindo para momentos reflexivos e auto formativos. Em outras palavras, as narrativas (auto)biográficas, enquanto perspectiva epistemológica foram uma ferramenta primordialmente relevante e auto-formativa; desenvolvendo as habilidades humanas diante de tudo que é considerado diferente, principalmente no que se refere ao lugar do outro da sociedade, considerando suas qualidades e singularidades, que nos tornam mais compreensivos diante da diversidade.

Conhecer a trajetória de vida da professora Wanda e do professor Clark foi uma experiência única, nos possibilitando reverberar as atribuições e fragmentações da identidade, juntamente ao sentimento de estranhamento, comum dentre a comunidade LGBTQIA+. As diferenças e estigmas identificados através das observações feitas nas entrevistas deixaram nítidas as mais diversas marcas que professores LGBTQIA+ trazem em seu corpo. Casos como o de Wanda e de Clark são muito comuns no tempo presente. Através desses casos, podemos acompanhar que, mesmo diante da incansável luta por um espaço, pela autoaceitação e, principalmente, pelo reconhecimento social, a comunidade escolar sempre reafirmou seu posicionamento em querer excluir o "diferente" ou o "anormal" de seu âmbito. Entretanto, nesses mesmos casos citados, podemos enxergar que os entrevistados, sentindo-se desamparados pela sociedade que está à sua volta, enfrentaram seus medos, suas angústias e

conflitos interiores, reafirmando-se acerca da diversidade e aceitando-se, articulando meios para lutar contra a estigmatização e o preconceito.

Mesmo sendo um desafio diante do conceito desestabilizador e das consequências sociais, compreendemos sobre a contribuição significativa relacionada à problematização das especificidades da identidade de gênero, nos mais diversos espaços sociais ou na comunidade acadêmica. Entretanto, é primordial deixar claro que somos afetados de forma positiva, tanto em relação às observações identificadas através da pesquisa, quanto em relação aos professores entrevistados que foram parte fundamental desse estudo, considerando que podemos indicar sobre as contribuições que essa pesquisa possibilitou para que tenhamos uma nova perspectiva sobre a vivência do outro e de suas especificidades.

Os teóricos que abordam as questões de gênero, identidade e estigma, que fundamentaram esse artigo possibilitaram a compreensão acerca das vivências e reações impostas tanto pela sociedade quanto pela escola em relação a professores LGBTQIA+, sendo um mecanismo que não se contenta apenas em esconder esses indivíduos nos procedimentos educativos, mas também em possibilitar a instituição escolar questionar e refletir sobre práticas heteronormativas, onde os sujeitos são estigmatizados quando confrontados com os padrões estabelecidos social e educacionalmente.

Conforme observado nas entrevistas, tanto a vida como a escola limitam as sociedades ao gênero feminino e masculino, a ser homens ou mulheres "héteros". Podemos observar claramente, no caso de Wanda, que ela lutou constantemente pelo autorreconhecimento no meio escolar, porém não teve o devido suporte. A instituição escolar, inclusive, reproduz e serve de espaço para a violência contra as identidades de gênero dissidentes. Frente a isso, entendemos que a instituição escolar não tem oportunizado a dignidade e a cidadania necessária para professores LGBTQIA+. Através das narrativas dos professores Clark e Wanda e de toda a fundamentação teórica utilizada na construção deste artigo, observamos que o processo de estigmatização dos sujeitos não se tornou simplesmente algo comum no ambiente LGBTQIA+ – este está atrelado a um processo de construção histórica que determina como "diferentes" todos aqueles que desconstruem o padrão de sexualidade pautado exclusivamente por perspectiva heteronormativa. Desse modo, concluímos sobre a importância da tomada de iniciativas que busquem criar e implementar políticas públicas para facilitar a acessibilidade das diversidades nas instituições escolares. Para tanto, é primordial refletir sobre o currículo escolar considerando a diversidade de forma positiva, juntamente à capacitação e formação continuada da gestão escolar. Dessa forma, poderemos combater o preconceito e abrir espaço

para que profissionais da educação como Clark e Wanda possam ser efetivos no cenário educacional, sem julgamentos e orientações de exclusão e marginalização.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rita Cristiana *et al.* **Gênero e educação: uma experiência educativa de sensibilização contra a violência sexual e homofóbica no município de Bananeiras.** Disponível em: <<http://itaporanga.net/genero/3/07/21.pdf>> Acesso em: 29 Jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Caderno de Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos.** Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação a Distância (SEED). **Histórias de Vida é Formação de Professores.** Brasília, 2007. Disponível em <<https://www.passeidireto.com/arquivo/2056591/historias-de-vida-e-formacao-de-professores>> Acesso em 25 Ago. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 11 de 09 de junho de 2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, de 09/06/00. Seção 1e, p.15

BRASIL. Ministério da Educação. **Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico racial, gênero, orientação sexual, geracional, territorial, pessoas com necessidades especiais (deficiência) e socioeconômicas.** São Paulo: FIPE/MEC/INEP, 2009. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf&ved=2ahUKEwj4gPOH1uzlAhVDJrkGHe7wAaQQFjABegQIBRAI&usq=AOvVaw0suLbQwTosoxoMJVbsXDq5> Acesso em: 15 Nov. De 2019.

BRITZMAN, Debora P. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, 1996.

BRZEZINSKI, Iria. **LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 246-266.

CARVALHAL, Juliana Pinto. Maurice Halbwachs e a questão da memória. *In: Revista Espaço Acadêmico*, nº 56, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalhal.htm>>. Acesso em: 15/07/2021.

COSTA, Jurandir Freire. **Psicanálise e contexto cultural.** Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989.

COMANDULLI, Sandra Patricia Eder. **Roda Conversações sobre Hospitalidade: A Ética da Hospitalidade no Reconhecimento do Outro.** Semintur-Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul 8, 2015

CORREIA, Maria das Graças da Silva; SILVA, Maria Luana Alves da; LIMA, Gisele Souza. O homossexualismo: a descoberta do ser. **Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-SERGIPE** 1 (2), 27-36, 2013. Disponível em <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=descoberta+da+identidade+sexual&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3Ds0Y7OSxIBncJ> Acesso em 10 de Jul. De 2021

DELORY-MOMBERGER, Christine: Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação.** v. 17 n. 51 set.-dez. 2012

FAZANO, Luciana Cristine *Et al.* Homofobia na escola: o discurso indiferente ao aluno diferente. **Revista de Psicologia da UNESP,** 10(12), 2011 Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/539>> Acesso em: 29 Jun. De 2021.

FISCHER, Maria Clara Bueno. GODINHO, Ana Cláudia Ferreira. **Escola, trabalho e gênero: uma experiência da Educação de Jovens e Adultos na rede pública de ensino de Porto Alegre.** 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602019000300335&script=sci_arttext> Acesso em 29 Mar. De 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8a EDIÇÃO. RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO EDITORA RECORD. 2004

GOFFMAN, Erving. **Estigma** - Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade.** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmiento; CAVALCANTE, Ilane Ferreira; NASCIMENTO, José Mateus do. **Escrita de si e Formação Docente:** trilhando os caminhos da memória na compreensão de si como professor; IN Eu, professor: ensaios sobre formação docente. Org: Ilane Cavalcante Ferreira e Ana Lúcia Sarmiento Henrique - 86. ed. - Natal: IFRN, 2015.

LOPES, Denílson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. *In: Teoria & Educação*. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, 1992, p. 53-67.

MINUANO, Carlos. **Brasil é o país que mais mata pessoas trans; 175 foram assassinadas em 2020**. Universa UOL. São Paulo, 29 de Jan. de 2021. Disponível em: <<https://www.google.com/amp/s/www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/01/29/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-175-foram-assassinadas-em-2020.amp.htm>> Acesso em 11 de Jul. De 2021

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2002. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://edisciplinas.usp.br/plugin_file.php/270758/mod_folder/content/0/Moita%2520Lopes%2520-%2520Identidades%2520Fragmentadas.pdf%3Fforcedownload%3D1&ved=2ahUKEwiMtJPDhu3lAhXgJrkGHZFRDvAQFjAAegQIBhAB&usq=AOvVaw1emBDO4DH6C6mUmC3qAfU6> Acesso em 19 Nov. De 2019.

MOURA, Tânia Maria Melo de. **Formação de Educadores de Jovens e Adultos: realidade, Desafios e Perspectivas Atuais**. Dossiê temático Educação de pessoas jovens, adultas e idosas. *Práxis Educacional, Vitória da Conquista*, v. 5, n. 7, jul./dez. 2009, p. 45-72. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/242/254>>. Acesso em: 15 Nov. De 2019.

MUYLAERT, Camila Junqueira *Et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. 2014. **Revista Esc. Enf. USP**. **48**, p.193-199. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/103125>> Acesso em 29 Mar. De 2020.

PETRY, Analídia R. MEYER, Dagmar E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *In. Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011 Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/download/7375/6434>> Acesso em 15 de Jul de 2031

PODESTÁ, Lucas Lima de. Ensaio sobre o conceito de transfobia. **Periódicus**, Salvador, n.11, v. 1, mai-out.2019 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Núcleo de Pesquisa NuCuS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Disponível em <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0,5&q=transfobia#d=gs_qabs&u=%23p%3Dhp9AYVuMyWcJ> Acesso em 29 Jun. De 2021

RIOS, Pedro Paulo Souza. DIAS, Alfrancio Ferreira. **O Estranho que Habita em Mim: Narrativas de Vida e Formação de Professores Gays no Semiárido Baiano**. **Revista Brasileira de Pesquisa** (Auto)Biográfica, Salvador, v. 04, n. 11, p. 539-557, maio/ago.2019. Disponível em <<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://ri.ufs.br/bitstream/riuf>>

[s/11842/2/PEDRO PAULO SOUZA RIOS.pdf&ved=2ahUKEwjU4Y_MtMjoAhVMHbkGHd5BBAQQFjAAegQIAxAB&usq=AOvVaw3Jmb0O6N3QM4RUkGwp7mOz](https://www.repositorio.ufpa.br/bitstream/handle/riodoc/11842/2/PEDRO_PAULO_SOUZA_RIOS.pdf?ved=2ahUKEwjU4Y_MtMjoAhVMHbkGHd5BBAQQFjAAegQIAxAB&usq=AOvVaw3Jmb0O6N3QM4RUkGwp7mOz)> Acesso em 29 Mar. De 2020

SANTOS, C. 2005 **Construção Social do Conceito de Identidade Profissional**. Interacções, 8:123-144. Disponível em: <https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/145>. Acesso em: 18 Set. De 2021

SILVA, Juliane Costa. RIOS, Jane Adriana V. P. Jovens Gays na Escola: Masculinidades, Infância e Narrativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 04, n. 11, p. 558-572, maio/ago. 2019 Disponível em <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=gays+na+escola&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DsuC0msm91i4J> Acesso em 11 de Jul. De 2021

VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si: história da percepção do corpo, séculos XVI-XX**; Georges Vigarello; tradução de Francisco Moraes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

WILLIAMS, Rachel. **Professores gays têm dificuldades para se assumirem na escola, diz pesquisa**. Folha de São Paulo. 2012. Disponível em<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/1195164-professores-gays-tem-dificuldades-para-se-assumirem-na-escola-diz-pesquisa.shtml?origin=folha>> Acesso em 1 Abr. De 2020.